



LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES PARA DESENVOLVER A ORALIDADE

Cleoneide Fernandes de Amorim Rocha¹
Joseval dos Reis Miranda²

RESUMO

O presente trabalho destaca a importância do uso da Literatura infantil como um recurso pedagógico para o desenvolvimento da oralidade nos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Nessa perspectiva a pesquisa teve como objetivo geral compreender como a utilização em sala de aula da literatura infantil pode auxiliar os alunos do quarto ano do Ensino Fundamental a desenvolver a oralidade através dos contos e recontos de histórias. Buscamos dialogar com os autores: Bakhtin (1997), Caldin (2002), Cavalcanti (2009), Koch (2001), Marcuschi (2005), e Zilberman (2003) e na BNCC (2018) de Língua Portuguesa. De acordo com o que foi observado na instituição de ensino onde a pesquisa foi realizada, constatamos que a professora da sala de aula reconhece a importância da literatura infantil no processo do desenvolvimento oral dos alunos, porém, o trabalho com a literatura infantil não ocorre de forma sistematizada, limitando-se apenas a momentos específicos. Por meio das intervenções na turma, que se deram no formato de oficinas temáticas de contação de histórias pudemos constatar a receptividade dos alunos para com a literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Oralidade. Contação de Histórias infantis.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil é um recurso pedagógico muito importante, pois, possibilita ao aluno um contato mais refinado com o mundo imaginário que toda criança parece ter. Na nossa trajetória escolar não tivemos contato com contação de histórias, fomos crescendo e perdendo o direito de aproveitar os benefícios que ela oferece, por meio dos contos de fadas e pela riqueza de seus conteúdos.

As escolas de Ensino Fundamental dos anos 70 e 80 do século XX, não tinham em seus currículos a contação de histórias. Lembramos que quando começamos a frequentar a escola, o processo educativo dava-se por meio das práticas de alfabetização. Gostaríamos de ter tido contato com a literatura infantil quando criança, de ouvir histórias bonitas que nos fizessem transcender para o mundo da imaginação.

A partir da participação no Programa de Residência Pedagógica, começamos a observar a turma do 4º ano do Ensino Fundamental, da Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba. Então pudemos perceber que havia uma grande dificuldade por parte de alguns alunos na hora de apresentarem trabalhos oralmente na sala de aula e em outros eventos da escola.

¹ Estudante do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola-GDE/UFPB e Graduada em Pedagogia, cleo.paz@hotmail.com

² Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Metodologia da Educação, josevalmiranda@yahoo.com.br



Após observarmos o fato ocorrido, usamos como ponto de partida para dar inícios às investigações e a busca por meios pedagógicos que minimizassem ou solucionasse o problema dos alunos da referida turma. Portanto, começamos a pesquisar sobre a literatura infantil e como ela poderia promover o desenvolvimento oral daqueles alunos.

Essa pesquisa teve como objetivo geral compreender como a utilização da literatura infantil em sala de aula pode auxiliar os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental a desenvolver a oralidade através dos contos e recontos de histórias. Para entendermos o nosso objetivo, fizemos o seguinte questionamento: Como a utilização em sala de aula da literatura infantil pode auxiliar os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental a desenvolver a oralidade através dos contos e recontos de histórias?

Como metodologia de pesquisa, priorizamos a abordagem qualitativa, fazendo uso da observação participante e das oficinas temáticas de contação de histórias. Dessa forma, a seguir detalhamos a metodologia desenvolvida.

2 METODOLOGIA

De acordo com Minayo (2002, p. 16) “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Para tanto a metodologia é todo o percurso da pesquisa, sua prática, sua técnica, advinda de uma idéia, ou seja, uma problemática que o pesquisador pretende investigar, com objetivo de alcançar resultados concretos.

Do ponto de vista da abordagem do problema a pesquisa foi qualitativa, que segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70) “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

A pesquisa qualitativa busca investigar e estabelecer as ações realizadas pelo homem, bem como, buscar significados, pois, esse movimento dinâmico possibilita verificar que os elementos imersos na pesquisa, que apontam dados para que se construam afirmações no decorrer da pesquisa.

O local escolhido onde ocorreu a pesquisa foi na Escola de Educação Básica da UFPB – EEBAS, na turma do quarto ano do Ensino Fundamental. Para realizar a pesquisa na escola, contamos com a autorização da gestora, que nos prestou uma ótima acolhida e nos conduziu a sala do 4º ano e nos apresentando à professora da turma, que nos deu todo o apoio pedagógico.



Os alunos também nos foram apresentados, e posteriormente informados das atividades que seriam realizadas com os mesmos. Ao longo das observações pudemos observar a *práxis* da professora, nos permitindo ter contato com o trabalho docente, bem como, tendo oportunidade de conhecer a rotina de uma sala de aula.

Para a coleta de dados, realizamos algumas intervenções pedagógicas, que foram aplicadas em formato de oficinas temáticas de contação de histórias, com objetivo de trabalhar com os alunos o desenvolvimento oral, usando o reconto das histórias para estimular o desenvolvimento da oralidade deles.

3 ORALIDADE E A LITERATURA INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES

Ao longo da história da humanidade, compreende-se que todos os povos, independente de cultura sempre utilizaram a linguagem para a comunicação. Sendo assim, segundo Marcuschi (1997) a oralidade é uma prática fundamental para a vida dos seres humanos, justamente por fazer parte das práticas sociais. Os seres humanos usufruem da prática da oralidade pela fala há séculos, bem diferente da prática da escrita, que só foi criada por volta de 4.000 a.C.

Em conformidade com Marcuschi (1997) tanto a oralidade como a escrita, ambas são instrumentos fundamentais para que os indivíduos realizem as mais diversas formas de discursos em seus cotidianos, ou seja, de praticarem suas interações sociais. A oralidade ocorre por meio da fala que “é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia”. (MARCUSCHI, 1997, p.120).

Nesse sentido, utilizamos a oralidade em diferentes formas de manifestações no nosso dia a dia, como por exemplo, ao ouvirmos uma pessoa falar, mesmo que não estejamos vendo. Pela sua entonação de voz podemos definir se é um idoso, uma criança ou uma mulher. Podemos identificar sotaques de diferentes regiões brasileiras, ou de outros países, bem como identificar sentimentos de tristeza, alegria ou de raiva.

Porém, o mesmo discurso falado de forma oral, não nos dá as mesmas possibilidades de identificação dessas características na escrita, ou seja, na oralidade envolvem-se questões situacionais. O que podemos observar segundo Bakhtin (1997) é que os seres humanos utilizam os mais diversos tipos de linguagens para interagir, e o seu uso ocorre em diversos campos das atividades humanas e o uso da língua, que também é definido como enunciados podem ser tanto orais quanto escritos.



A criança ao nascer tem seu primeiro contato com a oralidade por meio da sua família, porém, o desenvolvimento desta se dará com a ampliação no contexto escolar. De acordo com Cavalcanti (2009, p.28) a oralidade cria a “necessidade da escrita e do código impresso”. Na família inicia-se um processo de educação oral, mas, é na escola que se amplia por meio da sistematização dos saberes escolares que estão impressos na oralidade e na escrita.

O desenvolvimento da oralidade no seio da família pode ser iniciado, pela prática dos contos de fadas e da literatura infantil, pois elas despertam o imaginário das crianças, transportando a fantasia para o mundo real sem perder a capacidade que consiste na representação simbólica do mundo imaginário. Por meio do contato prematuro com os contos de fada e do contato direto com os livros, a criança pode torna-se um adulto com a capacidade afetiva de enxergar o mundo com um olhar mais abrangente, sensível e de doação.

A contação de histórias serve como recurso valioso no auxílio da prática educativa dos professores, porque as narrativas infantis despertam nas crianças a imaginação, a criatividade, melhora a prática da oralidade, facilita o aprendizado, desenvolve a escrita, a linguagem oral e visual, incentivam o prazer pela leitura, facilitam o aprendizado, trabalham as brincadeiras e promovem senso crítico.

Segundo Cavalcanti (2009, p.28) “os relatos orais transmitidos de pessoa para pessoa, de geração para geração e de povo para povo, ganham outra dimensão e sentido quando eternizadas no registro da escrita”. Nesse sentido, a autora explicita a relevância da oralidade, na construção da história da humanidade, e essa relevância também é contemporânea, pois, mesmo com os registros da escrita, ela ainda se destaca na comunicação entre os seres humanos.

Por meio da oralidade, da literatura infantil e pelos contos de fada utilizados na sala de aula, de forma contínua, como fonte de informação, ela desperta a imaginação das crianças, servindo de recurso pedagógico para promover o interesse pela prática da leitura. Para Coelho (1999, p.11) “A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva”.

Ainda segundo Coelho os contos de fada são tão mágicos, que tem o poder de contagiar narrador e ouvinte, a ponto deles confundirem o mundo imaginário com o mundo real. Uma história bem narrada é como uma obra de arte faz com que todos se envolvam no enredo. Uma boa história tem poder de comover e envolver os sujeitos, despertando



sentimentos, tornando-os reflexivos, mais sensíveis e fazendo o adulto sentir o desejo de voltar a ser criança.

Para esse fim, o professor precisa ser sensível e deve ter percepção da necessidade de compreender quem são os múltiplos sujeitos que estão na sala de aula, buscando conhecer o contexto social de cada um, principalmente os aspectos do processo de aprendizagem e do desenvolvimento deles. O professor ainda na organização do seu trabalho pedagógico poderá trabalhar não apenas os aspectos relacionados ao cognitivo do aluno, mas também o emocional, ter à compreensão de que o ser humano não é um sujeito fragmentado, mas um ser integral. Pois:

Não se pode pensar numa infância a começar logo com gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, como as de hoje. Assim, mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias ocuparam, no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil. [...] quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que as de hoje, sem os contadores de histórias (MEIRELES 1984, *apud* CALDIN, 2002, p. 26).

Diante do exposto, para que a aprendizagem não seja transmitida de forma tradicional, é importante que a criança tenha desde cedo contato com livros da literatura infantil, que o professor busque nas suas práticas pedagógicas subsídios que tornem a contação articulada com novas metodologias de ensino, para que se desconstrua o modelo de ensino tradicional, onde o aluno deixe de ser passivo na sala de aula, tornando-se o sujeito central do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse processo, o aluno quebra a cultura do silêncio, imposta pela pedagogia tradicional, participando ativamente das aulas por meio dos recontos, recriando a história de acordo com a sua imaginação, sem a intervenção direta do professor. Nesse caso, o aluno torna-se o protagonista da sua aprendizagem devido à apropriação do poder criativo, possibilitado por uma pedagogia diferenciada.

Na escola, o aluno vai passar por momentos de transformações no seu desenvolvimento, e o professor tem um leque de possibilidades metodológicas para trabalhar, utilizando a literatura infantil e o conto para contextualizar todas as mudanças inerentes ao desenvolvimento oral dos alunos. Além de possibilitar o seu acesso aos signos da escrita ele será imerso na cultura letrada da sociedade, onde firmará seu pertencimento.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018, p.58) “as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo”. Portanto, é fundamental o



papel do professor como mediador do processo de interação do aluno em diversos espaços que ocupa, agregando saberes por meio das relações estabelecidas.

Ainda segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) a aprendizagem deve ser progressiva, tendo relação com os saberes anteriores, e nesse contexto a contação de história pode ser um recurso a mais no currículo, em prol da ampliação do repertório linguístico para a autonomia do aluno em si. Sistemas cada vez mais abrangentes fomentando aprendizagem no decorrer do seu desenvolvimento, pela compreensão de mundo aprendido através da literatura infantil.

Para o professor escolher uma boa história deve adotar critérios que são essenciais, buscando respeitar a faixa etária das crianças para que a história a ser contada não se torne cansativa, porque normalmente elas preferem os enredos menores. Tem interesse, por histórias pequenas, simples, com assuntos que estejam relacionados ao cotidiano, buscando não distanciar muito da sua realidade.

Coelho (1999) diz que a escolha da história funciona como uma chave mágica, porque requer habilidades para que seja remanejada e, é importante que haja por parte professor empenho e conquista na hora de definir o que será contando, pois, uma escolha assertiva tem mais probabilidade de se alcançar os resultados desejados, que são o gosto pela leitura e o desenvolvimento da oralidade. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em *escritas espontâneas*, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (BRASIL, 2018).

Sendo assim, a BNCC referencia a necessidade do currículo no Ensino Fundamental de abordar a literatura infantil, pois, elas auxiliam os alunos no processo de leitura e escrita, tanto no nível pré-silábico quanto na alfabetização. Na realidade educacional brasileira encontram-se alunos em distorção idade-ano que nem se quer sabem ler ou escrever, e a literatura infantil pode contribuir para auxiliar o processo de aprendizagem na lectoescrita.

Percebemos que a literatura infantil é um campo fértil para o crescimento educacional e social das crianças. O professor que promove a prática da literatura infantil através das lendas, dos contos de fada e de ficção na sala de aula cria possibilidades de conhecimentos e ações,



que de maneira plural estimula as emoções, os desejos, o medo, o amor, a tristeza e outros sentimentos. Também amplia a capacidade afetiva, por ser um campo propício para processo educativo. Para Cavalcanti (2009):

A literatura pode ser para criança o espaço fantástico para a expressão do seu ser, exercícios plenos da sua capacidade simbólica vestem trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne adulto mais criativo, integrado e feliz (CAVALCANTI, 2009, p. 40).

Dessa forma, Cavalcanti (2009) explicita que o professor deve ter a sensibilidade para entrar no universo da literatura infantil, e buscar elementos que possam contribuir para que os alunos adentrem na história e participem de forma ativa. Buscando dentro de si um imaginário, possibilitado no processo de aprendizagem por meio da literatura infantil. Nessa mediação, o professor está intervindo para a construção de um repertório linguístico por meio do contato dos alunos com imaginário extraído dos contos de fada. De acordo com a BNCC (2018, p. 58):

Ampliam-se também as experiências para o desenvolvimento da oralidade e dos processos de percepção, compreensão e representação, elementos importantes para a apropriação do sistema de escrita alfabética e de outros sistemas de representação, como os signos matemáticos, os registros artísticos, midiáticos e científicos e as formas de representação do tempo e do espaço. Os alunos se deparam com uma variedade de situações que envolvem conceitos e fazeres científicos, desenvolvendo observações, análises, argumentações e potencializando descobertas. (BRASIL, 2018, p.58).

Portanto, para que a contação de histórias, seja um elemento prazeroso, o professor precisa transmitir o conhecimento extraído dos conteúdos da literatura infantil de maneira significativa, buscando estimular nas crianças o surreal que se faz necessário para o imaginário deles. Pois, todos esses elementos são constitutivos na potencialização da contação de história.

No que correlaciona ao desenvolvimento da oralidade no Ensino Fundamental, de acordo com a BNCC (2018), em relação à área das Linguagens no componente da Língua Portuguesa tem como objetivo fazer com que os alunos tenham contato com as mais variadas formas e tipos de linguagens, no que compete à escola dar continuidade ao que se aprendeu na Educação Infantil, em que essa área possibilite o desenvolvimento das competências específicas.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC também leva em consideração alguns princípios e pressupostos para a área de Linguagem tendo alguns eixos de integração para as



práticas de linguagem, como é o caso da leitura/escuta, produção escrita e multissemiótica, análise linguística, e principalmente a oralidade que está definido:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, *webconferência*, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de música, *vlog* de *game*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2018, p.78-79)

Nesta perspectiva, as escolas precisam trabalhar no Ensino Fundamental atendendo os eixos de integração das práticas de linguagens, no sentido de desenvolver habilidades da criança para o uso de diversas linguagens. A Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2018) propõe que as escolas oportunizem práticas pedagógicas com atividades que visam por produções e compreensão de textos orais, cujo objetivo seja para o desenvolvimento de competências específicas que garanta a formação dos alunos para serem sujeitos mais conscientes e críticos ao fazer o uso da oralidade no seu cotidiano.

A proposta da BNCC (2018) é a ampliação do multiletramento, com isso as atividades de oralidade devem ser trabalhadas com alunos, com iniciativas visando tanto à produção e compreensão de textos não só escritos, mas que sejam inclusos os mais variados tipos de gêneros orais para que os alunos oralizem.

Entre os gêneros textuais, a oralidade na literatura infantil para prática docente, através dos contos e recontos, proporciona aos alunos não só fazer escuta, mas também de oportunizá-los a fazer o reconto da história contada. Esse momento é importante, pois a criança também passa a interagir com os colegas as suas impressões e sentidos que construiu da história, em o “sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação” (KOCH, 2001, p.25).

Nesse ponto de vista, compreendemos que o docente deve oportunizar o reconto para que as crianças oralizem para seus colegas de sala de aula, qual foi o sentido que construiu a partir da história, bem como a informação obtida. Por meio dessa interação as crianças também reconstruem todo o seu vocabulário, crenças e valores.

O docente, em relação ao trabalho pedagógico com a oralidade precisa se apropriar dos conhecimentos literários infantis, e saber sobre as descrições das habilidades que terá que



desenvolver na sala de aula, com os alunos. Também se faz necessário repensar como se dá o ensino e a avaliação das aprendizagens no trabalho com a oralidade.

Uma das preocupações que o docente precisa ficar atento em relação ao trabalho com a oralidade, de acordo com a BNCC (2018) consiste na formação de cidadãos críticos e conscientes, que saibam fazer o uso da oralidade, ou seja, dessa prática nas diversas situações com o real da vida cotidiana. Assim, o professor na sua prática educativa, busca incrementar em seu planejamento, recursos de linguagens que visam por objetos de conhecimentos:

Oralidade pública/Intercâmbio conversacional em sala de aula; Escuta atenta; Características da conversação espontânea; Aspectos não linguísticos (paralinguísticos) no ato da fala; Relato oral; Registro formal e informal; Contagem de histórias; Produção de texto oral; Planejamento de texto oral Exposição oral; Forma de composição de gêneros orais; Variação linguística; Escuta de textos orais; Compreensão de textos orais; Declamação; Performances orais (BRASIL, 2018, p.94-135).

Para essa finalidade, o docente quando conhece os objetos de conhecimento proposto pela BNCC (2018) tende a possibilitar um processo de ensino aprendizagem mais compreensível, para que de fato ocorra o desenvolvimento de novas habilidades para a oralidade.

Portanto, o fazer pedagógico deve estar sempre em processo de movimento na busca por uma melhor qualidade de textos a serem trabalhados na sala de aula. Principalmente, priorizar textos que sejam transmitidos de forma oral, uma vez que as escolas muitas vezes se utilizam somente da escrita. Ou seja, os alunos precisam de uma formação que lhes garantam novas habilidades, para terem condições de solucionar problemas da vida diária por meio das práticas discursivas em saber fazer valer o seu ponto de vista e posicionamento na sociedade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES: A LITERATURA INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A ORALIDADE

Diante do exposto podemos dizer que a literatura ocupa um espaço surreal na vida do sujeito, pois ela tem o poder de fazer com que ele viaje no tempo, no espaço e, até mesmo em um mundo completamente imaginário. Dessa forma, podemos dizer que é possível que a história possa ser ressignificada e contada a outras pessoas de forma escrita oralmente.

Neste caso, desenvolvimento da linguagem oral é etapa importante na aprendizagem. O professor pode utilizar a oralidade, como recurso pedagógico, pois, ela faz a ponte entre diversas áreas do conhecimento. Abrindo dessa forma espaço significativo para a narração



oral das histórias, círculos de escuta da palavra na qual a criança pode criar um texto oral, recriar histórias ouvidas e vividas, ressignificando pela sua criatividade (BUSATTO, 2010).

O professor pode auxiliar as crianças nas dificuldades com as atividades, por meio do exercício da oralidade em sala de aula, contando e lendo histórias para elas. Além de estimular o reconto, ou mesmo as experiências advindas do cotidiano deles e dessa forma torná-los ativos no processo de ensino e aprendizagem, tendo a oralidade como instrumento na *práxis* pedagógica.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018, p. 78) traz em seu texto que o campo de atuação da oralidade, “compreende as práticas de linguagem que ocorre em situação oral com ou sem contato face a face”. Além de tornar a aula mais entusiasmante faz com que o aluno participe de forma ativa e o envolva através das aulas dialogadas, de debate, que podem ser contextualizadas dentro do enredo da literatura infantil.

Para oralizar o texto escrito, a BNCC (2018) explicita que é necessário considerar situações em que tal tipo de atividade acontece, ou seja, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros. Esses elementos não são estáticos, tem movimento, e acontece para dar vida ao texto oral, com suas formas de expressões corporais que vão falar em conjunto com a linguagem.

Sendo assim, para analisar o desenvolvimento oral dos alunos da sala de aula do quarto ano do Ensino Fundamental da EEBAS, utilizamos a literatura infantil, por meio da contação de histórias. Sendo que para identificarmos os alunos que tinham dificuldade de se expressarem oralmente, realizamos previamente a observação participante.

A primeira história contada que serviu como instrumento de análise foi denominado, “*A Lagartixa Cauê*”. No dia da oficina estavam presentes na sala de aula quinze alunos, mas para realizarmos a análise do desenvolvimento oral, iremos destacar apenas, os cinco alunos que foram escolhidos, porque que apresentaram algum tipo de dificuldade na avaliação inicial.

Com o objetivo de possibilitar aos alunos o hábito de contar histórias para que posteriormente eles desenvolvessem a prática da oralidade, a primeira oficina temática de contação de histórias, também objetivava convidar os alunos com dificuldade de se expressar para fazer o reconto e assim, começar a perder o medo se apresentar oralmente.

Todos os alunos que estavam na sala de aula, participaram de alguma forma das atividades, fazendo a leitura silenciosa, cortando o EVA (mistura Etil, Vinil e Acetato), construindo o mosaico na lagartixa de cartolina, colando ou até mesmo por meio da



observação. Como era a primeira oficina, pensamos em uma atividade que pudesse ser realizada coletivamente, então propomos a oficina.

Para dar início as atividades, fizemos uma leitura silenciosa do texto a *lagartixa Cauê*, depois a contação da história, em seguida convidamos o aluno 2 para fazer o reconto, mas ele não aceitou. Então propomos uma atividade coletiva de uma oficina de mosaico, para que os alunos pudessem trabalhar em grupo, e interagir entre eles.

Após a construção da lagartixa em mosaico, realizamos a aplicação de um questionário e, por fim fizemos uma roda de conversa, para socializarmos o que os alunos aprenderam, mas, os alunos permaneceram sentados em suas carteiras, pois a sala de aula é bem pequena, não tem como fazer a roda com eles no chão. No debate o aluno 2 fez o seguinte comentário:

Não é verdade que lagartixa só sai à noite, porque na casa da minha tia tem uma lagartixa e ela aparece toda hora, toda vez que eu vou a casa dela eu vejo a lagartixa lá (ALUNO 2).

Então nós explicamos a ele que não somos nós que estamos mentindo, que essas falas da história, não são nossas e sim do autor da história. Para enriquecer um pouco mais o diálogo perguntamos ao aluno 4, qual era o moral da história, e ele respondeu:

É que não podemos ir pra um lugar desconhecido porque a gente não sabe o que tem lá, então a gente pode ser dar mal (ALUNO 4).

Nessa primeira oficina temática da lagartixa Cauê, não houve o reconto por parte dos alunos da turma, mas diante das falas dos alunos 2 e 4 podemos, da construção coletiva da oficina de mosaico, foi possível observar que existia diálogo entre eles. Isso de alguma forma provoca a comunicação oral, por meio do trabalho coletivo.

As atividades na sala de aula, na qual ocorre interação entre os alunos e seus pares é relevante no processo de oralidade, pois para a Base Nacional Comum Curricular - BNCC relata que “[...] nos anos iniciais, no eixo de oralidade, aprofunda-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais” (BNCC, 2018, p. 89).

No entanto, promover aos alunos trabalhos de construção coletiva, possibilita que eles vivenciem momentos únicos no processo de socialização dos saberes, porque eles desenvolvem-se interagindo com seus pares, atribuindo-lhes responsabilidades escolares, aguçando o espírito de competitividade e participando ativamente das atividades propostas pelo professor.



Na segunda oficina pedagógica, objetivamos trabalhar com os alunos a diversidade de forma oral, incentivando o gosto pela leitura com uma contação dinâmica e divertida da história “*Menina bonita do laço de fita*”. Trabalhar a contação de histórias é uma estratégia bastante rica, porque por meio da literatura infantil, podemos dinamizar a aula e envolver todos os sujeitos presentes.

A história “*menina bonita do laço de fita*” é fantástica para o professor colocar no seu planejamento, por ela abre um leque de possibilidades para ser trabalhada. Por meio dessa história podemos trabalhar a diversidade, a história da família e dos seus antepassados, a África e outros.

Então começamos a oficina de contação de história, perguntando aos alunos se eles já haviam ouvido falar em diversidade. Eles disseram que sim, mas não sabiam explicar, daí nós começamos a explicar um pouco sobre o assunto. Depois demos início à leitura silenciosa e em seguida fizemos a contação da história.

Ao término da contação, falamos um pouco sobre os nossos antepassados e começamos a instigá-los. Fizemos perguntas aos alunos que foram escolhidos para a análise dessa pesquisa. Perguntamos ao aluno 3 porque a menina bonita do laço de fita nasceu daquela cor? Então ele respondeu:

Porque a avó dela era daquela cor, e acrescentou: minha mãe é morena e por isso eu sou dessa cor, porque puxei a ela (ALUNO 3).

Diante da fala do aluno 4, Cavalcanti (2009, p. 35) destaca que: “O simbólico apresentado na Literatura traça seu percurso máximo de transcendência, pois aí temos a palavra projetada para dizer-se como expressão máxima dos anseios humanos”. A literatura faz com que o sujeito, vá além de seu alcance, por meio da imaginação possibilitada pelo enredo da literatura infantil.

Então demos continuidade à seção de perguntas e respostas, perguntando ao aluno 1. Você acha que aqui na sala de aula existe uma diversidade? E ele respondeu da seguinte forma:

Tem sim, porque ninguém é igual. Aqui tem menino, tem menina, tem a professora, tem crianças e adultos. Então somos diferentes (ALUNO 1).

Diante das respostas dos alunos foi possível perceber que eles entenderam o que nós explicitamos sobre a temática da diversidade. E nós falamos que a diversidade não se resume apenas na cor da pele das pessoas. Ela está presente em vários segmentos de nossas vidas, como por exemplo: na culinária, nas manifestações culturais, nos sotaques das pessoas dentre outros. Para Zilberman (2003) as histórias são sistemáticas e destaca que:



A criança entende a história sem estes pressupostos [do adulto]. Sua compreensão da realidade, existência e vida não – ainda não – se baseia em processos lingüísticos de comunicação, mas nas relações sociais primárias e nas próprias atividades. As histórias infantis desempenham, pois, uma primeira forma de comunicação sistemática das relações da realidade, que aparecem à criança numa objetividade corrente. Ou, por outra: as histórias infantis são uma espécie de teoria especulativa além da atividade imediata social e individual da criança (ZILBERMAN, 2003, p. 45).

Para Zilberman (2003) as relações do cotidiano que se faz presente na nossa realidade, que a criança não tem maturidade suficiente para perceber por conta própria. Por esse motivo se faz necessário uma intervenção do adulto, pois, é por meio dele que a criança se espelha e a literatura infantil, promove uma forma de comunicação mais sistematizada.

Então, demos continuidade a oficina, pedindo a aluna 5 para fazer o reconto da história “*menina bonita do laço de fita*”. Ela aceitou, mas fez o reconto um pouco inibida, pois, não tinha o hábito de contar histórias para os colegas de sala. Mas, descobrimos que ela entendeu o que foi passado, pelo reconto que realizou, foi possível observar que a aluna 5 já conseguiu um avanço no desenvolvimento da oralidade, por meio da exposição oral, que na avaliação inicial apresentou dificuldade.

Para cumprir a carga horária que nos foi reservada, levamos moldes de flores em tamanhos variados, distribuimos com os alunos da sala de aula, também distribuimos pedaços de cartolinas coloridas, pedimos que desenhassem as flores nas cartolinas e depois cortassem, para que construíssemos um cartaz de uma mulher negra, com os cabelos de flores coloridas.

A história contada proporcionou aos alunos um envolvimento coletivo, por meio da produção do cartaz. Para Cavalcanti (2009, p. 51) “Talvez, o fato de possuírem uma linguagem muito simples, mas mesmo assim conseguirem falar com profundidade, também faça do conto de fadas uma literatura perpetuada na história, mesmo tendo sua origem na tradição”. Isso nos instiga a refletir como é importante a literatura infantil na vida dos alunos, portanto, é fundamental que o professor insira esse recurso pedagógico no seu planejamento.

A terceira e última oficina, foi a mais participativa de todas, pois os alunos que no planejamento inicial apresentaram dificuldade de participar das atividades que envolviam apresentação oral, nessa oficina a participação foi geral, em todos os segmentos. Iniciamos retomando a oficina anterior, falando sobre a diversidade e acrescentamos o preconceito e a discriminação.

Nessa oficina nós tínhamos o intuito de propor aos alunos uma reflexão sobre o preconceito e sobre a discriminação. No entanto, elencamos algumas formas de preconceito e



de discriminação, também fizemos uma reflexão sobre algumas medidas que poderiam ser adotadas para evitar o preconceito e a discriminação. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC relata que uma das competências da Educação Básica é

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018, p.9).

Diante das competências que a BNCC propõe, buscamos desenvolver essa competência nos alunos, por meio das oficinas temáticas de contação de histórias, que tinha como objetivo de levar até eles temas importantes do seu cotidiano como, por exemplo: histórias que falem da diversidade, preconceito e de outros assuntos que fazem parte das suas histórias reais.

Então, fizemos a contação da história “*O cabelo de Lelê*”, que falava dos cabelos cacheados e da insatisfação da menina por ter tantos cachos. Chamamos o aluno 1 para fazer o relato da história, ele assim fez, mas com interpretações advindas do seu imaginário. Então iniciamos a roda de conversa e, perguntamos ao aluno 1. Por que Lelê agora gosta do que ver? Ele respondeu da seguinte forma:

Porque o livro sabido disse a ela que o cabelo dela é assim por causa de um tio, um avô que ela tem lá na África (ALUNO 1).

Não satisfeitos, fizemos outra pergunta. E porque ela antes não gostava dos seus cachos. Ele respondeu:

Era porque ela não sabia de onde vinham tantos cachos, mais depois que ela leu o livro sabido, ela começou a gostar (ALUNO 1).

Depois do debate pela da roda de conversa, nós falamos um pouco dos padrões midiáticos e, instigamos os alunos a pensarem em diferentes tipos de beleza. Então realizamos a dinâmica do espelho, que foi muito rica, pois, eles não sabiam o que iriam ver no espelho e quando olhavam se deparava com suas imagens, eles sorriam, porque achavam engraçado. Promovemos um concurso com o seguinte tema: “Cada um com sua beleza e todos com respeito ao próximo”.

Após todos os alunos terem feito a sua produção textual para o concurso, nós chamamos de um a um para virem à frente ler o que produziu. Esse momento foi de grande valia para o nosso projeto de pesquisa, pois, foi com a apresentação deles que pudemos identificar o desenvolvimento de cada um.



Podemos afirmar que a literatura infantil é uma ferramenta valiosa para o processo de ensino e aprendizagem, pois por meio da contação de histórias os alunos, além de auxiliá-los na aprendizagem da leitura, podem ajudá-los a melhorar a escrita. Também observamos que eles evoluíram oralmente.

Sugerimos que os professores adotem o hábito de contar histórias para seus alunos, colocando em seu planejamento esse recurso valioso, com objetivo de promover o desenvolvimento oral, para que possam usufruir de todos os benefícios que a literatura infantil proporciona no processo de ensino e aprendizagem deles.

As aplicações das oficinas temáticas foram de suma importância para os alunos, pois, proporcionou momentos únicos de interação, de construção coletiva, de trocas de experiência por meio de relatos orais. Também contribuiu bastante para o desenvolvimento dos alunos participantes da pesquisa, que na avaliação diagnóstica inicial apresentaram dificuldade de se expor oralmente, mas com a participação nas oficinas, conseguiram fazer o reconto para a turma por meio de relatos orais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto por esta pesquisa, podemos afirmar que a literatura infantil é um gênero literário, voltado para crianças e jovens, mas que pode favorecer a todos os públicos e a todas as faixas etárias. As escolas deveriam incluir esse gênero literário em seus currículos, entendendo que toda criança gosta de ouvir história, e por meio da contação de histórias, ela transcende do mundo real para um mundo de faz de conta, utilizando a literatura como fonte de informação para resolução de problemas do seu cotidiano.

Portanto, trabalhar com a literatura infantil é propor ao aluno um leque de novas possibilidades de aprendizagem. Por meio da literatura infantil o professor pode enriquecer o seu planejamento pedagógico, por que ela possibilita uma metodologia diversificada para que o conhecimento seja transmitido de forma dinâmica, criativa e lúdica. Esses novos métodos educativos servirão para que as aulas não se tornem fatigantes e cansativas e que atraiam o interesse dos alunos.

Ao analisarmos como a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da oralidade, pudemos observar que a da literatura infantil desperta o imaginário das crianças, transportando a fantasia para o mundo real sem perder a capacidade que consiste na representação simbólica do mundo imaginário. O desenvolvimento da oralidade no seio da família pode ser iniciado, pela prática dos contos de fadas e do contato direto com os livros. A



criança pode tornar-se um adulto com a capacidade afetiva de enxergar o mundo com um olhar mais abrangente, sensível e de doação.

Assim sendo, identificamos que os resultados no desenvolvimento das atividades de oralidade, por meio da literatura e com atividades que potencializam a sonoridade. A pronúncia do próprio nome, pode também auxiliar o aluno na apreciação e experimentação da rima e do ritmo, uma riqueza a ser explorada pelo docente para o reconhecimento do aluno, dos sons contidos nos fonemas, que contribui, tanto no processo da alfabetização, quanto no processo de escolarização.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BUSATTO, Cléo. **Práticas de oralidade na sala de aula.** 1ª ed. São Paulo, Cortez, 2010.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A Oralidade e a Escrita na Literatura Infantil: Referencial Teórico para a hora do conto.** Florianópolis, Brasil, n.13, p.25-38, 2002.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil.** 3ª ed. São Paulo, Paulus, 2009.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade,** São Paulo, Ática, 1999.
- KOCH, Ingedore Vilhaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e letramento como práticas sociais.** Luiz Antônio Marcuschi. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 21ª ed. Vozes, Petrópolis, 2002.
- PRODONAV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2ª ed. Rio Grande do Sul, Feevale, 2013.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo, Global, 2003.